



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

AUDIODESCRIÇÃO COMO DISPOSITIVO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO: SABERES E APRENDIZAGENS TECIDAS NA DOCÊNCIA INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE

*LA AUDIODESCRIPCIÓN COMO DISPOSITIVO DOCENTE-PEDAGÓGICO:
CONOCIMIENTO Y APRENDIZAJE TEJIDO EN LA DOCENCIA INCLUSIVA EN
LA UNIVERSIDAD*

*AUDIO DESCRIPTION AS A TEACHING-PEDAGOGICAL DEVICE: KNOWLEDGE
AND LEARNING WEAVERN IN INCLUSIVE TEACHING AT UNIVERSITY*

Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso
Professora UNEB, CAMPUS XI
E-mail: jcardoso@uneb.br

Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira
Professora UNEB, CAMPUS XI
E-mail: acpereira@uneb.br

RESUMO

Esta escrita emerge das inquietações e buscas, enquanto professoras do Campus XI da UNEB, que acolhe estudantes com Necessidades Educativas Especiais e nos desafiam à construção de práticas inclusivas e de acessibilidade. No contexto dos desafios vivenciados, adotamos as seguintes questões norteadoras: Como tomar a audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico para proporcionar uma docência inclusiva no contexto da universidade? Que saberes e aprendizagens são construídos nesse processo? A partir de tais indagações, demarcamos como objetivo geral da escrita “compreender a audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico e suas implicações na construção de saberes e aprendizagens tecidas na docência inclusiva na universidade”. É uma escrita referenciada por Libâneo (2013); Zanyck (2020) Franco (2016); Pozzobon (2022); Mota (2010), dentre outros. Os resultados apontam que a audiodescrição potencializa a aprendizagem de pessoas com NEE, mas temos um longo caminho a percorrer para aprendermos a

197

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

aplicá-la em sala de aula e para ampliar a discussão em torno dela em outros espaços pedagógicos.

PALAVRAS- CHAVE: Audiodescrição. Dispositivo didático-pedagógico. Docência inclusiva. acessibilidade

RESUMEN

Este escrito surge de inquietudes y búsquedas, como docentes del Campus XI de la UNEB, que acoge a estudiantes con Necesidades Educativas Especiales y nos reta a construir prácticas inclusivas y de accesibilidad. En el contexto de los desafíos vividos, adoptamos las siguientes preguntas orientadoras: ¿Cómo se puede utilizar el audio descripción como dispositivo didáctico-pedagógico para brindar una enseñanza inclusiva en el contexto universitario? ¿Qué conocimientos y aprendizajes se construyen en este proceso? A partir de tales interrogantes, nos planteamos como objetivo general del escrito “comprender el audio descripción como un dispositivo didáctico-pedagógico y sus implicaciones para la construcción de conocimientos y aprendizajes entrelazados en la enseñanza inclusiva en la universidad”. Se trata de un escrito referenciado por Libâneo (2013); Zanyck (2020) Franco (2016); Pozzobón (2022); Mota (2010), entre otros. Los resultados indican que el audio descripción potencia el aprendizaje de las personas con NEE, pero nos queda un largo camino por recorrer para aprender a aplicarla en el aula y ampliar la discusión en torno a ella en otros espacios pedagógicos.

PALABRAS CLAVE: Audio descripción. Dispositivo didáctico-pedagógico. Enseñanza inclusiva. Accesibilidad

1. NOTAS INRTODUTÓRIAS... APRENDENDO A VER

A Política Nacional de Educação na Perspectiva da Inclusão no Brasil tem suas marcas significativas em defesa da inclusão e acessibilidades a pessoas com NEE,

198

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

cuja busca volta-se para identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes nos espaços educativos, considerando suas necessidades específicas e lhe garantido formação e aprendizagens, com vistas à autonomia e independência. Logo, a garantia da equidade e igualdade de direitos é inegociável, requerendo dos diversos espaços investimentos na promoção da inclusão e da acessibilidade.

Esse cenário se configura no nascedouro das nossas inquietações e buscas em favor da educação na perspectiva da inclusão no ensino superior, e é alimentada pelo desejo de ampliar o debate em torno das necessidades educativas especiais nas universidades, em especial neste texto a questão da audiodescrição como dispositivo pedagógico, haja vista que é crescente o número de pessoas com NEE acessando o ensino superior e que precisam ser acolhidas em suas necessidades. Ademais, a universidade se constitui em espaço de construção de novas possibilidades e investigação em torno das demandas que emergem no contexto social mais amplo.

Assim, esta escrita é um recorte de nossas práticas e inquietações no contexto da docência inclusiva no Campus XI da UNEB e que vem nos remetendo a questionar: Como tomar a audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico para proporcionar uma docência inclusiva no contexto da universidade? Que saberes e aprendizagens são construídos nesse processo? Temos como objetivo geral “compreender a audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico e suas implicações na construção de saberes e aprendizagens tecidas na docência inclusiva na universidade”.





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Os saberes e aprendizagens que temos construído a partir das nossas experiências, enquanto professoras no ensino superior na promoção de uma docência inclusiva, ampara-se na perceptiva sociointeracionista, a qual tem como primado a participação ativa do sujeito em formação, que toma a realidade como objeto investigativo, numa proposta que, mediante os princípios da articulação teoria e prática, sujeito e objeto, ensino e pesquisa, propicia a inclusão dos estudantes como partícipes dos processos pedagógicos. Esse movimento é metarreflexivo, haja vista que propõe um balanço de ação-reflexão-ação sobre as práticas que estamos empreendendo e reaviva as análises tecidas, para (re)pensarmos suas contribuições no campo da inclusão no contexto acadêmico.

Enfim, este texto está estruturado em duas seções, além destas notas introdutórias, a saber; alargando a visão a partir de diálogos teóricos; o que a docência em turmas inclusivas tem nos ensinado sobre audiodescrição? E por fim apontamos algumas notas (in)conclusas, que intencionam outros modos de ver a discussão em tela.

2. ALARGANDO A VISÃO A PARTIR DE DIÁLOGOS TEÓRICOS

Com o movimento de inclusão e acessibilidade, temos oportunidade de convivência pedagógica e social com necessidades educativas especiais, como também, com pessoas com deficiências sensoriais, entre as quais, a visual e/ ou na condição da cegueira. Ocasão que nos possibilita profundos aprendizados no que tange ao exercício das transposições de linguagens das visualidades para a oralidade, ampliando o potencial comunicativo e de interações sociais.





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

O exercício de empatia, de se importar com o outro, no sentido de acessibilizar as informações, que em geral estão dispostas no contexto das visualidades, transmutando-as para o canal da linguagem oral, converte-se em caminho fecundo para promoção da inclusão social das pessoas. Fato que nos remete a pensarmos sobre os processos de comunicação, que em sentido amplo, significa por em comum, levar as informações a todos/as de modo que, coletivamente, possamos participar, ouvir, expressar ideias, dialogar e promover a construção de um mundo mais participativo e democrático em condições de equidade à todas as pessoas.

Desse modo, abrir caminhos para o acesso de todas as pessoas as informações, converte-se em prática de democratização do conhecimento e do próprio processo formativo da pessoa e isso se torna em urgência, sobretudo nos ambientes pedagógicos e acadêmicos. Isso nos remete a pensarmos em uma Didática inclusiva, no sentido original, trazido por Comênio (1632), ao defendê-la como “arte ou técnica de ensinar tudo a todos”.

Nesse contexto, temos a Didática como elemento fundante, uma vez que esta é a área do conhecimento que estuda, analítica e reflexivamente, os processos de ensinar e aprender, para, com embasamento em uma teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da prática pedagógica. Ao fazer alusão à Didática, temos a consciência de que ela:

[...] ambiciona unir teoria e prática de ensino. Para efetivação da didática unem-se todos os elementos integrantes do processo de ensino-aprendizagem: o professor, o aluno, a disciplina, o contexto escolar, o objetivo e finalidade do processo educativo, as estratégias e métodos de ensino. Um dos primeiros registros que se tem sobre didática é na Didática Magna de Comenius publicada em 1649, que sugeria partir dos princípios gerais e depois para os detalhes de

201

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

determinado assunto, falava da importância de apresentar o objeto de estudo para manipulação do aluno. Comenius defendia investigar e descobrir um método segundo o qual os professores ensinassem menos e os estudantes aprendessem mais. (Zanyck, 2020, p.1).

Logo, a Didática enquanto ciência, campo de estudos, proposições e indagações se ocupa da investigação e de anúncio de ideias que direcionem o ato educativo em toda sua dimensão, sobretudo na perspectiva da inclusão, como força potencializadora das construções colaborativas e democráticas dos conhecimentos.

De tal modo, ao nos referirmos à Didática inclusiva, estamos ponderando sobre a real e necessária ressignificação da ciência didática, para que se possa edificar rotas, caminhos, ações pedagógicas empenhadas em favorecer a aprendizagem como ações solidárias e democráticas, uma vez que

[...] é a didática que investiga as condições e formas que vigoram no ensino e, ao mesmo tempo, os fatores reais (sociais, políticos, culturais, psicossociais) condicionantes das relações entre docência e aprendizagem... Traduz objetivos sociais e políticos em objetivos de ensino, seleciona e organiza os conteúdos e métodos e, ao estabelecer as conexões entre ensino e aprendizagem, indica princípios e diretrizes que irão regular a ação didática. (Libâneo, 2013, p. 53)

Tais princípios defendidos pelo autor, evidencia que a Didática se configura como mediadora entre as bases teórico-científicas da educação e o fazer pedagógico, pois busca construir formas para o conteúdo, com vistas a concretizá-lo; busca contribuir para definição do trabalho a ser desenvolvido, de modo que o sujeito da aprendizagem construa o seu saber com autonomia/qualidade; aponta possibilidades mais adequadas para o modo de ensinar e aprender para que esse





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

cidadão seja desafiado a produzir novas aprendizagens e se sinta sujeito de suas construções.

Nesse contexto de discussões, a ação pedagógica coordenada pelo professor na universidade da perspectiva da inclusão, é uma articulação analisada pela Didática, e “[...] em seu sentido de *práxis*, configura-se sempre como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo” (Franco, 2016, p. 536).

Assim, urge que a Didática seja revisitada, que seja oxigenada por vozes plúrias que a façam “um tecido democrático” de ações intencionalmente sistematizadas, todas elas pautadas na diversidade e nas diferenças que são naturais dos seres humanos. Logo, ao falar sobre educação inclusiva, incontornável falar sobre uma Didática que precisa se edificar inclusiva também.

Pensar no ato pedagógico como inclusivo, pressupõe imaginar o espaço educativo como aberto a inventividades necessárias para que todos estejam partícipes dos atos educativos. E assim, vão se desenhando novas possibilidades, novos contornos para essa nova e necessária Didática inclusiva: um campo aberto ao novo, ao necessário acolhimento de formas plúrias de educar a diversidade, partindo do princípio básico de que

[...] uma **aula** ou um **encontro educativo** tornar-se-á uma **prática pedagógica** quando se organizar em torno de **intencionalidades**, bem como na construção de **práticas** que **conferem sentido às intencionalidades**. Será **prática pedagógica** quando incorporar a **reflexão contínua e coletiva**, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será **pedagógica** à medida que buscar a **construção de práticas** que garantam que os encaminhamentos propostos pelas

203

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

intencionalidades possam ser realizados. (Franco, 2016, p. 536 – grifos nossos).

Assim compreendida, a prática didático-pedagógica investe na construção de ações que se estruturam intencionalmente para atender as demandas e expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma determinada realidade, a partir da apropriação de recursos, procedimentos e dispositivos diversos, que possibilitem a aprendizagem, que garantam ao sujeito aprendiz a assimilação do conhecimento com autoria/autonomia.

Nesse contexto, um dos dispositivos que chega ao campo da Didática inclusiva é a audiodescrição, prática que nos apropriamos da área da comunicação e produção cultural, sobretudo aquelas que enfocam as áudio visualidades. Aqui é válido destacar que nesta escrita acolhemos o conceito a seguir:

A audiodescrição é um recurso que traduz imagens em palavras, permitindo que pessoas cegas ou com baixa visão consigam compreender conteúdos audiovisuais ou imagens estáticas, como filmes, fotografias, peças de teatro, entre outros. O recurso é direcionado ao público com deficiência visual, mas pode beneficiar outros públicos com outras deficiências e idosos. Ele é normalmente utilizado em produtos e serviços culturais, educacionais e de entretenimento, através da disponibilidade das descrições de diversas maneiras, permitindo um acesso mais amplo e completando uma deficiência que esses produtos e serviços tinham para contemplar a todos. (Freitas, 2018, s/p)

O conceito apresentado acima nos remete a pensar para além da audiodescrição comunicacional. Torna-se impreterível, nos apropriarmos de tal conceito como dispositivo didático, que certamente trará excelentes benefícios para todos os estudantes e professores envolvidos no ato pedagógico, uma vez que, nossa

204

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

experiência, em sala de aulas, e/ ou ambientes pedagógicos tem nos revelado que o uso didático da audiodescrição beneficia toda a turma inclusive os estudantes com NEE, muitas vezes ainda ocultas. Para Pozzobon (2022):

O recurso consiste na descrição clara e objetiva de todas as informações que compreendemos visualmente e que não estão contidas nos diálogos, como, por exemplo, expressões faciais e corporais que comuniquem algo, informações sobre o ambiente, figurinos, efeitos especiais, mudanças de tempo e espaço, além da leitura de créditos, títulos e qualquer informação escrita na tela. A audiodescrição permite que o usuário receba a informação contida na imagem ao mesmo tempo em que esta aparece, possibilitando que a pessoa desfrute integralmente da obra, seguindo a trama e captando a subjetividade da narrativa, da mesma forma que alguém que enxerga (Pozzobon, 2022, p.1)

Nessa medida, a audiodescrição se funda numa prática que consiste na tradução de imagem, sejam elas estáticas (como fotos, cards, charge, carttons, caricaturas) ou em movimento, como as produções em vídeos, ou mesmo em dramaturgia, em palavras para que pessoas com deficiência visual, intelectual, idosos, pessoas com dislexia, com deficiência intelectual, pessoas com dificuldades comunicacionais, pessoas neurodiversas, consigam se apropriar de uma compreensão mais apurada de conteúdos audiovisuais.

A prática da audiodescrição consiste no uso de técnicas conjugadas da narração e descrição objetiva, destacando as descrições de ações, sons e elementos visuais, como vestes, descrição das pessoas, expressões e cenários, além de outros elementos cruciais para a compreensão da mensagem e, conseqüentemente a formação da imagem mental pelos sujeitos.





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Aqui é importante reiterar que, anteriormente defendida por força da Lei 12.485, de 12 de setembro de 2011, a audiodescrição vem ganhando contornos de importância, nos contextos educativos, sobretudo os espaços escolares e acadêmicos, na dimensão dos atos pedagógicos, posto que se traduz em recurso e metodologia inclusiva, no sentido em que se afirma como prática uma tradução intersemiótica. Isto é, numa sociedade contemporânea que se estrutura em torno da cultura gráfica, promove a tradução de um signo não verbal (a imagem) para um signo verbal (as palavras), sendo que em sua essência consiste em transformar as imagens (visualidades) em palavras (oralidades), não apenas para que haja a comunicação, mas que o sujeito com NEE tenha as condições necessárias de se assenhorar da audiodescrição para, a partir dela, criar uma 'imagem' mental, dar forma a um conteúdo, construir conceitos, e, de fato se apropriar de novas aprendizagens com autonomia.

3. O QUE A DOCÊNCIA EM TURMAS INCLUSIVAS TEM NOS ENSINADO SOBRE AUDIODESCRIÇÃO?

Para continuarmos essa conversa sobre inclusão e docência em turmas e contextos inclusivos, torna-se essencial reforçarmos a discussões sobre acessibilidade, a qual, conforme a Lei 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência é compreendida como:

[...] a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação,

206

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015)

A mesma lei evidencia que a pessoa com deficiência é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Assim, para possibilitar a inclusão a essas pessoas, existem diversos recursos de acessibilidade e a audiodescrição é um de grande importância. Ela surgiu nos anos 1970, vinculada a área da Linguística, mais especificamente da tradução, e pode ser conceituada como: Uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica, dos meios visuais para os verbais, bem como traduzindo ruídos que não possam ser compreendidos apenas com o uso da audição.

Alargando essa análise, Mota (2010) salienta que a audiodescrição:

Transfere imagens da dimensão visual, por meio de informação verbal e sonora, ampliando, desta forma, o entendimento e provendo o acesso à informação e à cultura, possibilitam que pessoas com deficiência visual assistam a peças de teatro, programas de TV, filmes, exposições e outros, em igualdade de condições com as pessoas que enxergam, o que nos remete a ideia de acessibilidade cultural. A audiodescrição, assim, amplia o entendimento não só das pessoas com deficiência visual, como também de pessoas com deficiência intelectual, com dislexia e pessoas idosas.

As análises apresentadas por Mota (2010) sobre a audiodescrição nos permite ampliar nossa compreensão, para percebê-la como uma tecnologia assistiva pensada, inicialmente, para pessoas com deficiência visual, mas que já está sendo





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

utilizada também para outros públicos, tais como: pessoas disléxicas, com Síndrome de Down, com TDAH e pessoas neurodiversas.

Assim compreendida, o Comitê Brasileiro de Acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), publicou a Norma Brasileira NBR 15290: Acessibilidade em Comunicação na Televisão, a qual fornece diretrizes gerais relacionadas à legendagem, à audiodescrição, à língua de sinais e ao sistema de alerta de emergência, a serem observadas para a acessibilidade em comunicação na televisão, dentro das melhores práticas do desenho universal, considerando as diversas condições de percepção e cognição, com ou sem a ajuda de sistema assistivo ou outro que complemente necessidades individuais.

Isso nos remete a pensar onde pode ser aplicada a audiodescrição, conforme sinalizado abaixo:

- Peças de teatro; Exposições de arte; Programas de TV;
- Espetáculos de dança; Filmes;
- Eventos sociais;
- Passeios turísticos;
- Livros didáticos;
- Revistas, jornais, sites;
- Charges, tabelas, mapas, fotos, gráficos;
- Descrição de ambientes, arquitetura de prédios, passeios turísticos, etc.
- SALAS DE AULAS e ambientes pedagógicos
- Clínicas, hospitais,
- Atendimentos ao público

Posto isso, enfatizamos nosso caminho, chamando a atenção da importância social da prática da audiodescrição pessoal e pedagógica, sobretudo, quanto estamos num coletivo que estejam presentes pessoas cegas e/ ou com baixa visão.

208

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Para esse exercício, é importante considerar um roteiro (orientador), conforme descrito abaixo:

1. Inicie se apresentando, de modo natural, dizendo seu nome. Detalhe: Não é necessário anunciar coisas do tipo: “vou agora fazer meu áudio descrição para fulano”. Não precisa asseverar o nome da pessoa com deficiência. Basta iniciar a ação apresentando-se com o nome.
2. Após isso, inicie sua audiodescrição, atentando-se ao plano: cabeça- tronco- membros-pés- pano de fundo. É importante dizer, se é homem/ mulher/ cor da pele, estatura...
3. No plano da cabeça siga uma ordem natural do seu rosto:
 - a) Cabelos (como são: tipo, cor, penteado, solto/presos, curto/longos etc.)
 - b) Rosto: formato, tipo de rosto

Olhos: cor, tamanho, formato - Usa óculos? Dizer tipo e cor da armação

Nariz, tamanho, formato

Boca: tamanho, formato, se está de batom, qual cor...

4. Tronco: quais roupas veste: cor da roupa, tipo etc.
5. Sapatos, tipo, cor
6. No plano de fundo, é importante situar onde está, o que está compondo o ambiente em que “sua imagem está enquadrada.

Essa dinâmica da audiodescrição nos convida, enquanto educadoras, e, talvez por força do ofício, a repensarmos os desafios para colocar a inclusão em atos pedagógicos. Isso nos impele, a todos os momentos, todos os dias ao exercício fecundo da reflexão, que nos inspira a pensarmos sobre as intencionalidades dos atos pedagógicos, como práticas que são exercidas com finalidade, planejamento, acompanhamento, postura crítica e responsabilidade social.





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Isso nos impele, ainda, a rever, reposicionar as peças do jogo pedagógico, de modo que tomemos como centro do processo a aprendizagem construtiva do sujeito. Isso porque, a docência inclusiva nos ensina a cada instante que pouco sabemos e que muito podemos aprender a cada contato, a cada aula, a cada ação educativa que nos desafiemos a construir pelos fios da colaboratividade, tecendo o tecido social da sala de aula, com as tintas da solidariedade, articulações e da esperança.

É dessa perspectiva, que, em nossas aulas inclusivas, temos também criado estratégias para acessibilizar conteúdos, no entanto, o construto maior tem sido os aprendizados como os exercícios de aprender a audiodescrever em atos, em situações reais e simultâneas, que a docência sistematicamente exige, de pronto e/ou de improviso, quando todas as formas de expressão e tentativas de transposição didática falham: Daí brotam modos e formas de fazer a ação pedagógica acontecer, de fato, como ação pedagógica: aquele que toca no sujeito da aprendizagem e lhe gera envolvimento com sua própria construção.

Em um desses momentos de construção colaborativa, aprendemos juntos e juntas a criar um roteiro-guia para apoio aos exercícios de audiodescrição, como se observa a seguir:





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Um roteiro básico para uma audiodescrição pessoal

Inicie a descrição seguindo um plano:

**Cabeça
Tronco
Membros
Pés**

Isso assegura a pessoa cega ou com baixa visão a construção/ formação mental/ representação cognitiva sistemática e ordenada da figura.

- Dizer os elementos gerais: sexo, cor da pele, tamanho aproximado, idade dentre outros;
- Passar aos elementos do rosto: cabelos tipo, se presos, soltos, formato do rosto, olhos, se usa óculos, como são os óculos, nariz, boca, se usa barba, se usa brincos, colares, adereços...
- Elementos do dorso: tipos de vestes (cor, estampas, tipo da roupa, colares, dentre outros)
- Calçados (cor, tipo, etc)
- Plano de fundo: o cenário ao fundo

Fonte: Arquivo das pesquisadoras, 2023.

Num ato simples, mas empático e inclusivo, podemos contribuir, sobremaneira, para promover a noção de pertença ao espaço pedagógico da sala de aula, das pessoas com deficiência visual e outras NEE, as quais, ao se perceberem e se envolverem nos processos da aula, trazem contribuições significativas para os debates e se permitem a construção do conhecimento e a percepção de que são capazes de investir em si mesmas com pessoas que pensam, sentem, analisam e se autorizam a fazer acontecer e que a ausência da visão não lhe tira a sua capacidade de mobilidade nem de produção da autonomia, da vida em si.

Temos a plena consciência de que a inclusão de pessoas com NEE no espaço da Universidade é algo novo e desafiador, que nos convida a produção de outros saberes e outras aprendizagens que nos provocam a romper com ciclo da

211

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

“normalidade” que construímos ao longo dos tempos, e assim, empreender em outros modos de reconstrução da prática pedagógica. Nesse grande desafio, precisamos aprender a tomar a audiodescrição como dispositivo pedagógico, tendo em vista que práticas pedagógicas organizam-se em torno de intencionalidades, as quais regem os processos, previamente estabelecidas, e tais intencionalidades serão perseguidas ao longo do processo didático, de formas e meios variados, até que sejam contempladas e promovam aos sujeitos a evolução de suas aprendizagens (Franco. 2026), independente de quaisquer adversidades.

NOTAS (IN)CONCLUSAS... OUTROS MODOS DE VER

As experiências vivenciadas no contexto da educação superior, no Campus XI da UNEB, especialmente com os vários estudantes com deficiência visual matriculados, vêm nos provocando a repensarmos as práticas que desenvolvemos, as quais nos fazem perceber que estamos aprendendo em tempo real a refazer/reconstruir as práticas pedagógicas em que a audiodescrição é tomada como dispositivo de aprendizagem.

Nossa experiência revela que já evoluímos, que existem investimentos, em parceria com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do Campus, mas que ainda precisamos empreender mais para chegarmos a ofertar uma docência de fato, inclusiva.

Nesse processo, temos reflexões que merecem ser apontadas como importantes, especialmente por colocar em pauta os desafios vivenciados no contexto da universidade na construção do espaço acessível e inclusivo, sobretudo quando abordamos as práticas de áudio descrição.

212

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

- Aperfeiçoar cada vez mais os ATOS DE LEITURA;
- Aperfeiçoar cada vez mais a LEITURA IMAGÉTICA;
- Apurar, refinar os ATOS DE LER O MUNDO;
- Apurar as intercambialidades TEXTO-IMAGEM-PALAVRAS;
- Exercitar o TRABALHO COLABORATIVO
- Investir mais na Lógica COOPERAÇÃO/ PRODUÇÃO COLABORATIVA
- Compreender a importância de SABER TRABALHAR EM EQUIPE
- Logica PRODUÇÃO- RECEPÇÃO- PRODUÇÃO

Ademais, em nossas experiências percebemos que tomar a audiodescrição como dispositivo pedagógico é um processo... um processo cuidadoso que envolve pessoas, intencionalidades, investimentos e sistematização de outros modos de fazer e refazer a ação pedagógica, em que o “Eu” cede lugar ao “Nós”, numa coletividade que se articula em prol da inclusão. Para tal, é uma ação que requer mais pesquisas científicas, mais tempo de análise, mais exercícios constantes de interlocução, numa rede de colaboração que se amplia, à medida em que se ampliam, também, os espaços de aplicação da audiodescrição para além da sala de aula e para além da docência.

Que este texto seja o nascedouro de outro discurso referencial em favor da audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico na universidade e para além dela!

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 15290: Acessibilidade em comunicação na televisão. Comitê Brasileiro de Acessibilidade. Primeira edição, 2005.

213

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 5156/2013. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de audiodescritor. Disponível em: <https://bit.ly/2MdzDhh> . Acesso em: 07 ago. 2019.

BRASIL, Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4ª Ed., rev. e atual. Brasília : Secretaria de Direitos Humanos, 2010. 100p

FRANCO, Maria Amélia do R. Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** (online). Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdr7RQjJVSPzTq/abstract/?lang=pt>

FREITAS, Fernando. **O que é Audiodescrição** 2018. Disponível em <https://fundacaodorina.org.br/blog/o-que-e-audiodescricao/> acesso em 28 de outubro de 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

POZZOBON, Graciela. **O que é audiodescrição**. 2022. Disponível em: <http://audiodescricao.com.br/ad/o-que-e-audiodescricao/>

SALTON, Bruna Poletto; AGNOL, Anderson Dall; TUCARTTI, Alissa. Manual de Acessibilidade em documentos digitais. Bento Gonçalves, RS: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2017.

ZANYCK, Karina. Vamos falar sobre didática? Dicas e citações de educadores que fizeram a diferença no âmbito educacional. Disponível em: <https://www.ibirapuera.br/vamos-falar-sobre-didatica-dicas-e-citacoes-de-educadores-que-fizeram-a-diferenca-no-ambito-educacional/>

